

Tratados de Redução de Armas Estratégicas

Treaties of Strategic Arms Reduction

Andrey Levi Diogenes Magalhães¹

Artur Felipe Costa Ferreira Neri²

RESUMO

O presente artigo pretende abordar os Tratados de Redução de Armas Estratégicas e teve como inspiração o discurso do presidente americano Barack Obama de 23 junho de 2013 perante o Portão de Brandemburgo em Berlim em que expôs que mesmo com o fim da Guerra Fria o mundo não está verdadeiramente seguro enquanto existirem armas nucleares. O discurso faz parte da revisão da postura nuclear americana para um mundo livre da ameaça nuclear e demonstra a inclinação do governo americano para reduzir a importância de seu arsenal nuclear em prol da segurança mundial. Nessa esteira, analisamos a postura de dissuasão nuclear americana como política de persuadir seus possíveis oponentes de que as consequências advindas de atacá-lo suplantam as expectativas do benefício almejado no conflito, fazendo um paralelo com o “dilema de segurança” sob o aspecto quantidade/consequências em que concluímos que apesar da sinalização de redução das armas nucleares os Estados Unidos ainda possuem uma política de dissuasão nuclear pela via do quantitativo. A metodologia de abordagem utilizada será a hermenêutica, com método de procedimento bibliográfico por meio de análise de tratados, artigos e notícias internacionais. Analisamos também as medidas de construção de confiança elaboradas com o objetivo de calcular as expectativas almejadas em decorrência do comportamento de outros Estados, tendo como objeto o Novo Tratado START em que concluímos que, em termos de tratados de desarmamento, a confiança se dá pela verificação e as medidas de construção configuram-se, na prática como prelúdios de um tratado específico. Também foram analisados como a comunidade internacional vem se comportando quanto à ameaça nuclear e a manutenção dos seus estoques nucleares em que concluímos que apesar do reconhecimento do perigo da ameaça nuclear a proposta de redução das armas nucleares possuem outros entraves políticos e tecnológicos que impedem momentaneamente qualquer tratado em busca de um efetivo desarmamento.

PALAVRAS-CHAVES: START; desarmamento; nuclear; dissuasão; confiança.

¹O autor é Advogado, Mestrando em Direito Internacional pela Universidade Católica de Santos – UNISANTOS, Membro da Comissão de Defesa dos Direitos do Consumidor Subseção de Campina Grande/PB-OAB/PB.

²O autor é professor, Mestrando em Direito Internacional pela Universidade Católica de Santos – UNISANTOS, especialista em Direito Tributário pelo IBET- Instituto Brasileiro de Estudos Tributários, Advogado.

ABSTRACT:

This article intends to address the Treaties of Strategic Arms Reduction and was inspired by the speech of U.S. President Barack Obama on June 23, 2013 in front of the Brandenburg Gate in Berlin which expounded that even with the end of the Cold War, the world is not truly safe as nuclear weapons exist. The speech is part of the U.S. nuclear posture review for a world free of the nuclear threat and demonstrates the tendency of the U.S. government to reduce the importance of its nuclear arsenal for the interests of world security. On this way, we analyze the posture of U.S. nuclear dissuasion policy to persuade your potential opponents that the consequences resulting from attacking him supplant the expectations of benefits desired in conflict, making a parallel with the "security dilemma" under the aspect of quantity/consequences that concluded that despite the intention of reduce nuclear weapons the United States still have a policy of nuclear dissuasion by quantitative. The methodology used is the hermeneutic approach, with method of bibliographic procedure through analysis of treaties, and international news articles. We also analyzed the confidence building measures developed with the purpose of calculate the expectations on the behavior of other states, with the object in the New START Treaty that concluded that, in terms of disarmament treaties, trust is constructed by verification and construction measures are configured in practice as preludes of a specific treaty. Were also analyzed how the international community is behaving as the nuclear threat and the maintenance of their nuclear stockpiles in which we concluded that despite the recognition of the danger of the nuclear threat the proposed reduction of nuclear weapons have other political and technological barriers that prevent briefly any treaty in search of an effective disarmament.

Key-WORDS: START; disarmament; nuclear; dissuasion; confidence.

INTRODUÇÃO

Em 04 de julho de 2012 os cientistas do CERN (Organização Europeia de Pesquisas Nucleares)³ anunciaram, depois de 50 anos de investigação, a descoberta uma partícula nova que pode ser o bóson de Higgs (partícula elementar) - a “Partícula de Deus” - o que representaria a chave da origem do universo e porque não de nossa existência (RIBEIRO, 2012).

Paradoxalmente, convivemos há quase 70 anos com a tecnologia nuclear que tem a capacidade de destruir a humanidade e com ela todo o conhecimento adquirido. Se de um lado a tecnologia nuclear proporciona desenvolvimento em diversas áreas em face do seu poderio energético, de outro representa o mais sórdido complô contra o futuro existencial da Humanidade.

Prioritariamente a tecnologia nuclear foi desenvolvida com propósitos militares, na forma de uma bomba capaz de derrotar os países que compunham o “eixo do mal” na Segunda Guerra Mundial. Contudo hoje a disseminação do conhecimento quanto a confecção de armas nucleares constitui uma ameaça à humanidade com possibilidade de provocar efeitos irreversíveis.

Nessa esteira, com a queda do muro de Berlim e o fim da guerra fria, a comunidade internacional vem discutindo a necessidade dos países, mais especificamente Estados Unidos e Rússia, possuírem tantas armas nucleares. Questionamentos do tipo: Para que serve a capacidade bélica de destruir a humanidade várias vezes? Não bastaria nós destruímos uma única vez? Ou Por que gastar tanto dinheiro na fabricação e na manutenção desse tipo de armamento quando a milhares de pessoas que não possuem o mínimo necessário para sobreviver? Ou por que manter armas capazes de aniquilar a humanidade?

Recentemente, no dia 23 de junho de 2013, quase 50 anos depois de o presidente John F. Kennedy ter feito seu discurso “Ich bin ein Berliner” - ou “Eu sou um berlinense” (COHEN, 2013, tradução nossa), o presidente dos Estados Unidos da America, Barack Obama, discursou perante o Portão de Brandemburgo em Berlim expondo o perigo oriundo das armas nucleares ao afirmar que:

[...] se elevarmos nossos olhos, como o presidente Kennedy pediu que fizéssemos, então reconheceremos que nosso trabalho ainda não está pronto. Pois não somos apenas cidadãos dos Estados Unidos ou da Alemanha – somos também cidadãos do mundo. E nossos destinos e nossa sorte estão mais entrelaçados do que jamais estiveram.

³ European Organization for Nuclear Research

Talvez não vivamos mais com medo da destruição global, mas enquanto existirem as armas nucleares, não estamos verdadeiramente seguros. (Aplausos.) Podemos lançar ataques a redes terroristas, mas se ignorarmos a instabilidade e a intolerância que alimentam o extremismo, nossa própria liberdade acabará em risco. Podemos desfrutar de um modo de vida invejado por todos no mundo, mas enquanto centenas de milhões enfrentarem a agonia de um estômago vazio ou a angústia do desemprego, não seremos verdadeiramente prósperos.⁴ (Aplausos.) (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2013a)

De fato, vivemos em outros tempos. O terror da terceira guerra mundial era intenso, os países se preparavam para uma guerra iminente. Recentemente foi descoberto que a Rainha da Inglaterra chegou a preparar um discurso em que anunciaria a seus nacionais que o mundo passava pelo o terror de uma guerra nuclear (CHADE, 2013).

O inimigo não é o soldado com seu fuzil, nem mesmo o aviador rondando os céus de nossas cidades e vilas, mas o poder letal do abuso da tecnologia. Mas qualquer que seja terrores que estejam nós esperando, todas as qualidades que ajudaram a manter a nossa liberdade intacta, já por duas vezes durante este triste século, vão mais uma vez ser a nossa força.”⁵ (CHADE, 2013)

O terror passou, mas ainda não estamos seguros, países de lideranças instáveis adquiriram o conhecimento nuclear e hoje ameaçam a toda humanidade.

Diante dessa ameaça, em busca do sonho de um mundo sem armas nucleares e com a visão de que a paz começa com os exemplos que adotamos em nosso cotidiano, o presidente Barack Obama anunciou, no discurso citado, que os Estados Unidos podem reduzir em 1/3 os estoques das armas nucleares estratégicas posicionadas e pretendem negociar reduções com a Rússia para além dos níveis estabelecidos no novo tratado START (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2013a).

Nessa perspectiva, o presente artigo analisará a política de dissuasão nuclear americana, e as políticas de promoção de medidas de construção de confiança⁶ estabelecidas no novo tratado START - Tratado de Redução de Armas Estratégicas⁷, verificando a

⁴ And if we lift our eyes, as President Kennedy called us to do, then we'll recognize that our work is not yet done. For we are not only citizens of America or Germany -- we are also citizens of the world. And our fates and fortunes are linked like never before.

We may no longer live in fear of global annihilation, but so long as nuclear weapons exist, we are not truly safe. (Applause.) We may strike blows against terrorist networks, but if we ignore the instability and intolerance that fuels extremism, our own freedom will eventually be endangered. We may enjoy a standard of living that is the envy of the world, but so long as hundreds of millions endure the agony of an empty stomach or the anguish of unemployment, we're not truly prosperous. (Applause.) (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2013b)

⁵ “The enemy is not the soldier with his rifle nor even the airman prowling the skies above our cities and towns but the deadly power of abused technology.

But whatever terrors lie in wait for us all the qualities that have helped to keep our freedom intact twice already during this sad century will once more be our strength. (CHADE, 2013)

⁶ Confidence building measures.

⁷ Strategic Arms Reductions Treaty's.

conjectura internacional atual da redução das armas nucleares e a possibilidade de celebração de novos tratados com essa finalidade.

A metodologia de abordagem utilizada será a hermenêutica, com método de procedimento bibliográfico por meio de análise de tratados, artigos e notícias internacionais.

A referida análise é importante para compreender como as Nações e a comunidade internacional veem se comportando com a manutenção de seus estoques de armas nucleares; qual o compromisso destas para reduzi-los; e se as medidas implementadas estão sendo cumpridas.

1 POLÍTICA DE DISSUAÇÃO NUCLEAR

O “dilema da segurança” exposto pelo Ilustre Professor Rodrigo More (2007), explica a questão da política de dissuasão; em que as nações enfrentam um dilema entre a abdicação das armas e a conservação de um *quantum* mínimo capaz de assegurar a segurança de seu país.

O dilema da segurança influencia a percepção e opção do Estado pela conveniência e segurança do desarmamento. Se o Estado se desarma em nome de uma segurança internacional coletiva, este sistema deve ser eficaz na defesa do território dos Estados-partes e garantir o permanente desarmamento dos demais Estados. Se falha um destes elementos, ou se não há confiança suficiente entre os Estados para a promoção do desarmamento, o resultado é a corrida armamentista. Daí se dizer, como se fará mais adiante neste estudo, que um dos pilares do desarmamento é o processo de construção de confiança, que se consolida por atos unilaterais dos Estados e, num plano mais amplo, por tratados específicos, juridicamente vinculantes ou não, formando um conjunto de iniciativas jurídicas e políticas que conduzem ao desejado desarmamento e ao equilíbrio. (MORE, 2007)

Neste contexto, é que se analisa a política de dissuasão em questão de segurança internacional, determinando a capacidade que um dado Estado tem de persuadir seus possíveis oponentes de que as consequências advindas de atacá-lo ou a seus aliados e parceiros suplantam qualquer expectativa de benefício almejado no conflito (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2013c).

Contudo, em termos de armas de destruição em massa, especificamente armas nucleares, o “dilema da segurança” encontra novas fronteiras na relação entre os Estados Unidos e a Rússia, pois para estes não adianta elevar os estoques de armas nucleares para demonstrar sua supremacia, ou se preparar para realizar um ataque preventivo. Em um conflito nuclear não há como se esconder dos efeitos, sejam eles diretos ou indiretos, haja vista que, ambos países adquiriram a capacidade de se aniquilar mutuamente, assim como o restante da humanidade, restando a estes adotarem “políticas de aceitação mútua”, com

ambos os lados necessariamente engajados em repousar conscientemente ‘a sua segurança sobre a vulnerabilidade dos outros’” (CHISEM, 2012b apud WHEELER).

A situação sob esse aspecto, é tão crítica que simulações realizadas pelos cientistas demonstram que para que ocorra um inverno nuclear, com consequências desastrosas para agricultura global, não seria necessário que essa guerra ocorresse entre os Estados Unidos e a Rússia, bastaria à utilização de cerca de 100 bombas nucleares sobre as zonas urbanas em uma guerra regional entre a Índia e o Paquistão. Apesar da diminuta quantidade de bombas necessárias para que ocorra o inverno nuclear, em comparação com as existentes no mundo, tal fenômeno climático ocorreria em razão da fumaça decorrente dos incêndios nas cidades afetadas pelas bombas, lançando minúsculas partículas na atmosfera, que seriam aquecidas pelo sol e se manteriam em altas altitudes por décadas, refletindo a luz solar de volta ao espaço cósmico, com consequências catastróficas para toda agricultura mundial. (ROBOCK; TOON, [entre 2012 e 2013]).

Não é por menos que, revisando suas posturas, o Governo dos Estados Unidos, divulgou no mês de junho de 2013 as novas diretrizes para a política nuclear dos Estados Unidos a fim de alinhar as suas convicções a respeito do ambiente de segurança do século XXI, ao mesmo tempo, em que orientam o Departamento de Defesa a investir em recursos não nucleares a fim de manter uma política de dissuasão satisfatória com os demais países sob o ponto de vista de guerras não nucleares, também orienta o Departamento de Estado a reduzir o papel do arsenal nuclear, ante a improbabilidade de um ataque nuclear surpresa, afirmando que são capazes de manter uma política capaz de dissuasão reduzindo em até 1/3 das armas nucleares estratégicas em comparação com os níveis estabelecidos no novo tratado START firmado entre os Estados Unidos e a Rússia, que prever cerca de 1.550 bombas nucleares para cada país (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2013c).

[...] orienta o Departamento de Estado a examinar e a reduzir o papel do lançamento de armas nucleares mediante ataque nos planos de contingência, reconhecendo que o potencial de um ataque nuclear surpresa é extremamente remoto. Enquanto os Estados Unidos irão manter a opção de lançamento de armas nucleares se alvo de ataque, o Departamento de Defesa se concentrará em planejar as mais prováveis contingências do século 21.⁸ (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2013c)

Entretanto, apesar da sinalização por parte dos Estados Unidos da possibilidade de reduzir os estoques de armas nucleares, mantendo cerca de 1.000 ogivas estratégicas, ressalta-

⁸ [...] directs DOD to examine and reduce the role of launch under attack in contingency planning, recognizing that the potential for a surprise, disarming nuclear attack is exceedingly remote. While the United States will retain a launch under attack capability, DOD will focus planning on the more likely 21st century contingencies. (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2013d)

se que o uso ínfimo dessas armas, por si só seria capaz de provocar consequências em toda a humanidade em face do inverno nuclear, ou seja, percebe-se que a política de dissuasão de conflito nuclear ainda é pela intimidação via quantitativo, e não pelas suas consequências, não constituindo incentivo a redução em massa das armas nucleares.

2 CONSTRUÇÃO DE MEDIDAS DE CONFIANÇA EM QUESTÕES DE DESARMAMENTO

Construídas como forma de gerar previsibilidade das condutas dos Estados, as medidas de confiança são elaboradas com o objetivo de calcular as expectativas almejadas em decorrência do comportamento de outros Estados (HIGGINS, 2001).

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa o significado de confiança, adaptando-se ao aspecto abordado, seria a fé que se deposita em outro Estado, entretanto, diferentemente do significado religioso e dogmático da fé, em que se confia e acredita em razão de uma força interna e/ou divina, que é capaz de fazer o indivíduo se comportar de uma dada maneira; a confiança nas relações entre os Estados são construídas com base nos hábitos e em costumes internacionais, que fornecem a previsibilidade do comportamento dos diversos atores internacionais, de forma que se possa prever minimamente como outro estado irá se comportar.

Nessa esteira, a questão da redução das armas estratégicas passa pela construção de medidas de confiança entre as nações que terão de reduzir ou abdicar de suas armas em prol da segurança do estado de paz (MORE, 2007).

Segundo Holly Higgins (2001) existem 4 principais medidas que podem ser adotadas em busca da construção de confiança, que podem ser pela via: da comunicação, da restrição, da transparência e da verificação⁹. Abordaremos essas medidas com base no que foi aplicado no novo Tratado de Redução de Armas Estratégicas - NEW START.

⁹ Dozens of successful CBMs have been applied throughout the world. Approaches vary, but in general there are four main areas: *communication, constraint, transparency, and verification.*

- *Communication* channels between conflict-prone states help to defuse tensions during moments of crisis or provide a more regular consultative mechanism. A prime example is the “hotline” that was established between national command authorities in Washington and Moscow after the Cuban Missile Crisis.

- *Constraint* measures are designed to keep certain types and levels of states’ military forces at a distance from one another, especially along borders. These measures could include the advance notice of troop movements above a pre-agreed level, or placing constraints on military exercises. Limited force deployment zones, or “thin-out” zones, also restrict the type and number of military equipment or troops permitted in or near a certain territory or border. An example of this constraint was former President George Bush’s decision to withdraw all deployed ground, air, and sea launched tactical nuclear weapons overseas in the fall of 1991.

- Pelas medidas de comunicação os Estados buscam o diálogo como forma de manter a diplomacia e/ou apaziguar as tensões existentes (HIGGINS, 2001). Esse mecanismo foi utilizado em larga escala durante a guerra fria, possibilitando minorar a tensão de um mundo polarizado. Por meio desse processo diplomático foram celebrados diversos tratados objetivando a limitação do uso de armas nucleares, até o atual estágio, onde, além da proibição de testes nucleares, se objetiva a efetiva redução destes arsenais.

- Pelas medidas de restrição os Estados negociam entre si limitações/restrições, como forma de gerar a confiança em relação aos demais Estados, por estarem sujeitos às mesmas condições.

No novo Tratado START assinado em 2010 os Estados Unidos e a Rússia firmaram um acordo histórico de redução de 30% das armas nucleares em comparação com o tratado de Moscou. Mais que a limitação do arsenal nuclear em si, foram estabelecidas limitações nos mecanismos de entrega/dispersão do arsenal que constituem o meio onde os efeitos das armas de destruição em massa- ADM são sentidos diretamente, consistindo a principal diferença entre a Coréia do Norte e os demais países detentores de armas nucleares.

Tem-se, assim, que o arsenal nuclear Russo e Americano esta limitado a 1.550 ogivas, e os mecanismos de entrega com mísseis balísticos intercontinentais (ICBM), mísseis balísticos lançados por submarinos (SLBM) e bombardeiros pesados equipados para armamentos nucleares, em 700 lançadores prontos para uso e 800 prontos ou não (IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE, 2010).

- Pelas medidas de transparência objetiva-se a construção da confiança entre os Estados por meio da troca de informações, revelando as demais nações seus potenciais bélicos e sua capacidade militar, para tal finalidade os estados podem, por exemplo, informar a ONU seus gastos militares (United Nations Office for Disarmament Affairs- UNODA. [entre 2000 a 2013]).

• *Transparency* measures foster greater openness of military capabilities and activities. Such measures may include pre-notification requirements, data exchanges, and voluntary observations of another state.s military exercises and operating procedures. Nuclear transparency measures also include unilateral declarations of nuclear-related data, or exchanges of such data among parties. Decisions by the United States and the United Kingdom to declassify information about their military fissile material stocks are examples of unilateral transparency measures aimed at confidence building.

• *Verification* measures are designed to confirm or verify a state.s compliance with a particular treaty or agreement. These can include aerial inspections, ground-based electronic sensing systems, and on-site inspections. Aerial inspections enable parties to monitor compliance with force deployment limitations in restricted zones, to confirm data exchanges, and to provide early warning of potentially destabilizing activities. On-site inspections, in particular, can help verify that states are complying with agreements. Inspections may be carried out by third parties, opposing parties, or jointly.

No novo Tratado START ficou estabelecido o intercâmbio de dados, notificações relacionadas com armas estratégicas ofensivas, assim como a troca de telemetria dos mísseis (US. Departmente State. [entre 2010 e 2013]).

- Pelas medidas de verificação constrói-se a confiança pela vigilância, os Estados celebram tratados que devem ser fiscalizados sem oposições, permitindo-se monitorar as instalações e atividades militares, e é nessa fiscalização que há a ratificação de que as partes estão cumprindo os termos pactuados. Como exemplo dessa medida adotada no Novo Tratado START ficou estabelecido 18 inspeções *in loco* por ano para ambas as partes.

Apesar de todos os métodos para implementação da confiança entre as nações, tem-se que todos tratados que abordam a questão do desarmamento possui dispositivos em que se possa aferir o cumprimento (compliance) da negociação acordada, em outras palavras, seria a construção da confiança por meio da verificação. (MORE, 2007).

As verdadeiras medidas de construção de confiança são aquelas que se consolidam por atos unilaterais dos Estados, independentemente de contrapartida dos demais estados, traçando-se políticas capazes de gerar previsibilidade das condutas, entretanto, na prática são apenas um prelúdio para a celebração de tratados específicos.

3 New START: Uma visão do mundo sem armas nucleares

Desde o surgimento da ameaça nuclear a comunidade internacional vem analisando seus efeitos e suas consequências.

Em 1947 a revista *Bulletin of the Atomic Scientists* ([entre 2012 a 2013]) lança o *Doomsday Clock* - relógio do Juízo Final em que conta os minutos para o relógio marcar meia-noite, onde ocorreria uma catástrofe global. Enquanto o brilhante físico, Albert Einstein afirma que não sabia como seria a terceira guerra mundial, mas que a quarta será com paus e pedras.

Pequenos esforços se somaram em todo mundo para debater uma ameaça que esta a porta de todos, e desses pequenos esforços muitas discussões sobre a ameaça atômica foram e são travadas; vários fóruns foram estabelecidos; medidas foram elaboradas para evitar a proliferação nuclear entre as nações, como o Tratado de Não-Proliferação Nuclear - TPN (1968) e outros para evitar os testes nucleares, como os Tratados de Interdição Parcial de Testes – TIP (1963) e o Tratado para a Proibição Completa dos Testes Nucleares – CTBT (1996).

Medidas também têm sido adotadas desde o fim da Guerra Fria para reduzir o número de ogivas existentes e a importância dos seus arsenais nucleares.

Em 1991 um marco histórico aconteceu, os Estados Unidos e a Rússia, sucessora da URSS recém-extinta, celebraram o primeiro Tratado START em que se comprometiam a reduzir drasticamente seus estoques nucleares de cerca 10.300 ogivas cada para 6.000 ogivas (US. Departmente State, [entre 1991 e 2013]); nos anos posteriores novos tratados continuaram a reduzir os números para 4.250 ogivas (START II), para um nível entre 1.700 a 2.200 ogivas (Tratado de Moscou) (US. Departmente State, 2011) e recentemente, com o novo Tratado START, novamente esse numero foi reduzido para 1.550 ogivas, mas não só as duas maiores potências reduziram seus arsenais nucleares, em 2008 a França anunciou uma redução de 348 ogivas para pouco menos de 300 (Deutsche Welle, 2008) e em 2009 a Inglaterra anunciou que poderá reduzir de 4 para 3 submarinos capazes de lançar armas nucleares (MARTINI, 2009).

Dados da revista *Bulletin of the Atomic Scientists* (REIF, 2012) demonstram que a Rússia esta se desfazendo do seu arsenal antigo mais rapidamente que implementado os novos, de forma que em 2011 possuía 516 lançadores estratégicos posicionados, níveis estes bem inferiores limites de 700 lançadores estabelecidos no Novo Tratado START, e 1.566 ogivas, ou seja, bem próximo ao limite de 1.550. Tais medidas possuem não só o viés de renovar o arsenal, mas também cortar os custos do orçamento militar nuclear, de forma que seria uma excelente oportunidade para emendar o Novo Tratado START para estabelecer limites inferiores aos atuais.

Entretanto, ainda estamos longe de um mundo livre de armas nucleares, sonho defendido por grandes presidentes americanos e revigorado pelo presidente Barack Obama no discurso de junho de 2013 perante o Portão de Brandemburgo, em Berlim, ao afirmar que os Estados Unidos buscariam reduzir em 1/3 as armas nucleares com a Rússia, estabelecendo algo em torno de 1.100 ogivas.

Apesar do empolgante anúncio do presidente dos Estados Unidos, a questão do desarmamento nuclear passa por uma série de outros aspectos políticos e tecnológicos. Diante das declarações do Presidente Barack Obama, a Rússia informou que não pretende discutir novas reduções sem a participação dos demais Estados detentores da bomba em um tratado multilateral (Diário da Rússia, 2013), assim como, a discussão da implementação do escudo antimísseis na Europa, e, a França, por sua vez, divulgou que não pretende reduzir seus estoques nucleares (Voz da Rússia, 2013).

Acrescenta-se, a dificuldade da celebração de um acordo multilateral as novas tensões decorrentes do asilo político fornecido pelos russos ao ex-analista de inteligência dos Estados Unidos da América, Edward Snowden, e as recentes tensões entre a Rússia e a Europa decorrentes do esfacelamento da Ucrânia.

Salienta-se, ainda, que outras questões e impasses, nós distanciam de um mundo livre de armas nucleares, como o programa militar nuclear da Coreia do Norte e o programa nuclear com fins “energéticos” do Irã, o que nós faz questionar o quão longe estamos de um mundo livre das armas nucleares.

CONCLUSÃO

Percebemos que a comunidade internacional se mantém vigilante quanto há ameaça nuclear, apesar de não existir mais o temor vivido na Guerra Fria. As grandes potências nucleares e as organizações internacionais têm se articulando buscando a criação de zonas mundiais livres da utilização bélica da energia nuclear com o fito de evitar a disseminação horizontal desta.

Em contrapartida da abdicção da utilização nuclear com finalidades bélicas as potências têm facilitado, mediante medidas de verificação, o acesso a tecnologia nuclear para fins energéticos e civis. Enquanto as grandes potências nucleares promovem gradativamente desarmamento nuclear, diminuindo a importância dissuasória de seus arsenais nucleares e estimulando as demais nações detentoras de armas nucleares a fazer o mesmo.

Por outro lado, verificamos que a política dissuasória dos Estados Unidos, apesar da sinalização da possibilidade de reduzir seu armamento nuclear, mantendo cerca de 1.000 ogivas estratégicas, ainda não estimula as nações potencialmente perigosas como Paquistão, Índia, Irã e Coreia do Norte, a reduzirem ou abdicarem a exploração da energia nuclear com finalidades bélicas, assim como as potências aliadas, como França e Inglaterra que possuem capacidade bélica nuclear numericamente inferior aos das potências da Guerra Fria.

Verificamos, também, que outras questões impedem a efetiva redução dos arsenais, como a não utilização de mediadoras para construção de confiança de forma unilateral, demonstrando as demais nações o compromisso com a redução do armamento nuclear, independentemente da celebração de tratados com essa finalidade; utilizando-as, usualmente, apenas para verificar o *compliance* de um tratado ou como medidas antecessoras a celebração de um tratado específico.

Por fim, constatamos que atualmente a Rússia apresentou novas barreiras para a celebração de novos tratados bilaterais com finalidade de reduzir as armas nucleares, anunciando que novos cortes devem ser discutidos em um tratado multilateral que envolva todas as nações detentoras de armas nucleares, e que o atual cenário internacional entre Rússia-EUA e Rússia-Europa não se encontra favorável a novos acordos nesse sentido em razão das recentes tensões entre estes países.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto N° 2.864, de 7 de dezembro de 1998. **Tratado sobre a Não-Proliferação de Armas Nucleares**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2864.htm>. Acessado em: 26/07/2014.

BULLETIN OF THE ATOMIC SCIENTISTS. **Timeline**. ([entre 2012 a 2013]). Disponível em: <<http://thebulletin.org/timeline>>. Acessado em: 26/07/2013.

CHADE, Jamil. Revelado discurso que rainha Elizabeth faria no caso de uma 3a Guerra Mundial. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 de ago. de 2013. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/2013/08/01/revelado-discurso-que-rainha-elisabeth-faria-no-caso-de-uma-3a-guerra-mundial/?doing_wp_cron=1375471852.7604980468750000000000>. Acessado em: 01/08/2013.

CHANNEL 4 NEWS. **Barack Obama in Berlin - FULL SPEECH**. 19 de jun de 2013, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fhse6js54aw&list=WLU2_YYVE1FF2ouVIsHqSpFQ29FaW8IIua>. Acessado em 12/07/2013.

CHISEM, James. **Can the security dilemma explain actual conflicts?** 17 de jan. 2012. E-International Relations. Disponível em: <<http://www.e-ir.info/2012/01/17/can-the-security-dilemma-explain-actual-conflicts/>>. Acessado em: 23/07/2013

_____. **O Dilema de Segurança explica conflitos reais?** 04 de fev 2012. Enclave. Traduzida por: Igor Zaniboni. Disponível em: <<http://enclave.com.br/?p=263>>. Acessado em: 23/07/2013

COHEN, Tom. **Obama calls for reducing U.S., Russian nukes**. CNN. 23 de jun. 2013. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2013/06/19/politics/obama-nuclear-cuts/index.html>>. Acessado em: 11/07/2013.

DEUTSCHE WELLE. **Presidente francês defende armas nucleares como garantia de futuro para Europa.** 23 de ago. 2008. Disponível em: <<http://dw.de/p/DTEEx>>. Acessado em: 28/07/2013.

DIÁRIO DA RÚSSIA. **Rússia exige participação de todos os "países nucleares" em tratado de redução de armas.** 22 de jun de 2013. Disponível em: <<http://www.diariodarussia.com.br/internacional/noticias/2013/06/22/russia-exige-participacao-de-todos-os-paises-nucleares-em-tratado-de-reducao-de-armas/>>. Acessado em: 29/07/2013.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=CONFIAN%C3%87A>>. Acessado em: 29/07/2013.

HIGGINS, Holly. **Applying Confidence-Building Measures In A Regional Context.** 23-24 de jul. 2001. Disponível em: <<http://isis-online.org/uploads/conferences/documents/higginspaper.pdf>>. Acessado em: 29/07/2013.

IIP DIGITAL U.S DEPARTMENT OF STATE. **Discurso de Obama no Portão de Brandemburgo.** 21 de jun. 2013. Disponível em: <<http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/texttrans/2013/06/20130621277345.html#axzz38tlmUT6c>>. Acessado em: 29/07/2014.

_____. **Obama's Remarks at Brandenburg Gate.** 19 de jun. 2013. Disponível em: <<http://iipdigital.usembassy.gov/st/english/texttrans/2013/06/20130619276786.html#axzz38tlmUT6c>>. Acessado em: 29/07/2014.

_____. **Informativo sobre a estratégia dos Estados Unidos para o emprego de armas nucleares.** 19 de jun. 2013. Disponível em: <<http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/texttrans/2013/06/20130624277487.html#axzz38tlmUT6c>>. Acessado em: 29/07/2014.

_____. **Facts on U.S. Nuclear Weapons Employment Strategy.** 19 de jun. 2013. Disponível em: <<http://iipdigital.usembassy.gov/st/english/texttrans/2013/06/20130619276732.html#axzz38tlmUT6c>>. Acessado em: 29/07/2014.

_____. **Novo tratado reduz arsenais nucleares americanos e russos.** 26 de mar. de 2010. Disponível em: <<http://portuguese.brazil.usembassy.gov/pt/tratadoreduz.html>>. Acessado em: 12/07/2013.

_____. **Secretário de Energia:** avançando rumo a um futuro nuclear pacífico. 16 de jul. 2013. Disponível em: <<http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/article/2013/07/20130716278734.html#axzz2ZoxQSGGs>>. Acessado em: 22/07/2013.

LAMY, Marcelo. **Metodologia da pesquisa jurídica:** técnicas de investigação, argumentação e redação. Rio de Janeiro: Elsevier. 2011.

MARTINI, Fernando "Nunão" De. **Inglaterra poderá reduzir futura frota de SSBN. Poder Naval. 28 de set. 2009. Disponível em:** <<http://www.naval.com.br/blog/2009/09/28/inglaterra-podera-reduzir-futura-frota-de-ssbn/#axzz2ax4OFHCm>>. Acessado em: 28/07/2013.

MORE, Rodrigo Fernandes. **Desarmamento é questão de segurança internacional.** 06 de jun. 2007. Portal Comunidade Segura. Entrevista concedida a Shelley Simis de Botton. Disponível em: <<http://www.comunidadesegura.org/pt-br/node/34666>>. Acessado em: 22/07/2013.

_____. O Estado de paz. In: _____. **Direito Internacional do Desarmamento:** o Estado, a ONU e a Paz. São Paulo: Editora Lex, 2007, 448 p., 16 Capítulos. Disponível em: <<http://www.more.com.br/artigos/O%20Estado%20de%20Paz.pdf>>. Acessado em: 22/07/2013.

REIF, Kingston. **New START: One year later.** Bulletin of the Atomic Scientists. 02 de fev. 2012. Disponível em: <<http://www.thebulletin.org/new-start-one-year-later>>. Acessado em: 28/07/2013.

RIBEIRO, Marcelo. **Existência do Bosen de Higgs é CONFIRMADA [partícula de Deus].** 04 de jul. 2012. Disponível em: <<http://hypescience.com/boson-de-higgs-confirmado-existe-de-particula-de-deus/>>. Acessado em: 30/07/2013.

ROBOCK, Alan; TOON, Owen Brian. **Guerra nuclear local, catástrofe global:** As preocupações se fixam em Estados Unidos e Rússia, mas uma guerra nuclear regional entre Índia e Paquistão poderia ofuscar o Sol e matar de fome grande parte da humanidade. [entre 2012 e 2013]. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/guerra_nuclear_local_catastrofe_global.html>. Acessado em: 29/07/2014.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISARMAMENT AFFAIRS- UNODA.
CONFIDENCE BUILDING. [entre 2000 a 2013]. Disponível em:
<[http://www.un.org/disarmament/convarms /infoCBM/](http://www.un.org/disarmament/convarms/infoCBM/)>. Acessado em: 22/07/2013.

UNITED STATES OF AMERICA AND THE RUSSIAN FEDERATION. **Treaty between the United States of America and the Russian Federation on measures for the further reduction and limitation of strategic offensive arms.** Disponível em:
<<http://www.state.gov/t/avc/newstart/c44126.htm>>. Acessado em: 22/07/2013.

US. DEPARTMENTE STATE. **Article by Article Legal Analysis of the START Treaty and its Associated Documents (Part 1).** [entre 1991 e 2013]. Disponível em:
<<http://www.state.gov/t/avc/trty/104056.htm#2>>. Acessado em 28/07/2013.

_____. **New START.** [entre 2010 e 2013]. Disponível em: <<http://www.state.gov/t/avc/newstart/>>. Acessado em: 22/07/2013.

_____. **2011 Annual Report on Implementation of the Moscow Treaty.** 02 de jun. 2011.
Disponível em: <<http://www.state.gov/t/avc/rls/rpt/164828.htm>>. Acessado em: 28/07/2013.

VOZ DA RÚSSIA. **França não pretende reduzir armas nucleares.** 20 de jun. 2013.
Disponível em: <http://portuguese.ruvr.ru/news /2013_06_20/Fran-a-n-o-pretende-reduzir-armas-nucleares-2443/>. Acessado em: 29/07/2013.